

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA:
CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

QUESTÕES HISTÓRICAS, POLÍTICAS E PEDAGÓGICAS EM MAQUIAVEL:

elementos introdutórios a partir d'O Príncipe

Alcimar Enéas Rocha Trancoso (UFAL)
(osocnart@gmail.com)

Maria Elisandra da Silva Amorim (UFAL)
(lillyamorim99@gmail.com)

Natália Vitória S. Cavalcante Nascimento (UFAL)
(nataliavscn@gmail.com)

RESUMO:

Propõe-se aqui uma análise teórica das contribuições políticas e pedagógicas de Maquiavel a partir da leitura de O Príncipe. Maquiavel pode ser considerado um clássico pelo ineditismo e longevidade de suas ideias. Viveu entre os anos 1469 e 1527 na cidade de Florença, Itália, período marcado por transformações nas estruturas sociais e culturais do mundo ocidental. Através de uma resignificação dos conceitos de virtude e fortuna, de sua perspectiva materialista de análise, do seu conceito de ser humano, da sua nova ética e do seu realismo, ensinamentos de política e pedagogia podem ser apreendidos, embalados por uma ideia clássica de educação baseada no exemplo, simulando uma relação mestre/discípulo. Nesta obra Maquiavel não só transmite uma ideia, mas interpreta acontecimentos passados e presentes de sua época, propondo um governo possível.

PALAVRAS-CHAVE: Maquiavel. Educação. Política. Pedagogia.

1 INTRODUÇÃO

Maquiavel pode ser considerado um clássico pelo fato de, “assim como um grupo seletivo de grandes filósofos políticos, sua voz se [...] [revelar] surpreendentemente atual [transcendendo] os limites de tempo e geografia” (BORON, 2003, p. 189). Esse adjetivo é justo por serem suas palavras permanentemente contemporâneas, apontando princípios políticos por meio da análise de ensinamentos dos clássicos do seu tempo e dos fatos da vida cotidiana nas cidades e reinos de sua e de outras épocas (GRAFTON, 2010). A sua abordagem da teoria e da filosofia política tem um traço materialista-histórico: parte da realidade para a própria realidade, passando por uma peculiar crítica histórica.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Viveu entre os anos 1469 e 1527 na cidade de Florença, Itália. Este período foi marcado por transformações nas estruturas sociais e culturais europeias, considerando emblematicamente as mudanças econômicas com o desenvolvimento do mercantilismo e filosófico-culturais a partir dos desdobramentos do renascimento e da reforma protestante (GRAFTON, 2010; HELLER, 1982).

Desde muito, a cidade já era um dos centros da nova cultura renascentista e palco de sangrentas disputas políticas: membros da família Médici, sobrepujados por Savonarola, que por sua vez foi derrotado e morto por Piero Soderine (GRAFTON, 2010). Em 1498, Piero Soderine assume poder em Florença e Savonarola é esquartejado em praça pública. No mesmo ano Soderine convoca Maquiavel para ser o secretário e segundo chanceler da República Florentina, o que se sustenta até 1512 quando os Médici retomam o poder em Florença, demitindo-o.

É nesta condição de excluído do círculo de poder da cidade que pensa e escreve, em 1513, a obra pela qual é mais lembrado como tentativa, quem sabe, de retornar à cena política florentina. A partir da leitura de O Príncipe, expomos aqui o que consideramos traços importantes do pensamento político de Maquiavel, bem como elementos pedagógicos presentes nesta sua obra.

2 TRAÇOS DA TEORIA POLÍTICA DE MAQUIAVEL

Talvez O Príncipe seja de fato o mais importante livro escrito por Maquiavel, se não, é pelo menos o mais lembrado para o bem ou para o mal, já que o senso comum o tem submetido a uma execração pública secular com direito à imortalização por meio de verbete há muito dicionarizado: maquiavélico – do maquiavelismo, ou a ele relativo; em que predomina a astúcia, a má-fé e o oportunismo; pérfido, ardiloso, velhaco¹.

¹ MAQUIAVÉLICO. In: **Dicionário** Priberam da língua portuguesa (em linha). Lisboa: Priberam Informática. 2008. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/maquiav%C3%A9lico>. Acesso em: 26 out. 2020.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Duas correntes se mostram como extremos opostos na análise do pensamento de Maquiavel. De um lado, os que o veem como revolucionário, optante da república e da prevalência da bondade sobre a virtude (BORON, 2003). Do outro, os que o veem como amoral, um analista frio, realista, cujas orientações podem servir a um déspota ou a um libertador, já que sua minuciosa e acurada análise situacional do ambiente político da Itália do século XV/XVI e da cidade de Florença especificamente, apesar de sérias, tinham o propósito de recolocá-lo no cenário do serviço público florentino como embaixador ou pelo menos um conselheiro *ad-hoc*. No entanto, não há nenhuma corrente de estudos que o coloque como um imoral, amante da mentira, da crueldade ou de perfídia como sugere o verbete dicionarizado (AMES, 2008).

O par conceitual virtude e fortuna pode ser considerado o mais basilar traço do pensamento político maquiaveliano. Não são termos cunhados por Maquiavel, mas para os quais ele empresta um sentido completamente novo, especialmente para virtude, até então ligada à ideia moral, nos clássicos gregos, ou às virtudes cristãs dos escritores chancelados pela Santa Sé (CAMBI, 1999).

Maquiavel liga virtude à ideia de empenho, ao agir racionalmente, à capacidade do príncipe de reconhecer e controlar as situações que se apresentam, vistas como desafios próprios do dinamismo que é a vida, o cotidiano das pessoas e principalmente de uma cidade-estado da importância de Florença, cobiçada por tantos outros reinos poderosos (França, Espanha e o próprio reino papal). Esta 'nova virtude' iria requerer de quem quer que seja muito esforço e proporcional estudo.

Com esta abordagem, Maquiavel quebra pelo menos duas perspectivas em voga até então. Ao dizer que ter virtude depende da pessoa, do seu esforço, afirma sua natureza humana, ou seja, ter virtude não é um dom natural, transmitido pela herança sanguínea da família, mas cada um deveria buscar as condições de obtê-la e, mais que isso, de preservá-la e desenvolvê-la continuamente já que os desafios se renovam e/ou se intensificam na vida de um príncipe. E em segundo lugar, seus argumentos rompem com qualquer vínculo *a priori* e necessário entre o príncipe e

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

outro poder externo a ele. Ou seja, sua virtude não dependeria de uma benção confirmatória da igreja, por exemplo. Relaciona-se com saber aquilo que se deve fazer em uma situação qualquer, nesse sentido, pode ser entendida também como sabedoria.

Já o conceito de fortuna aplicado por Maquiavel não sofre alteração do que comumente se ensinava em sua época: uma das deusas romanas do acaso, da sorte, boa ou má. Era representada por uma mulher cega ou com vendas, pois distribuía seus desígnios aleatoriamente por meio de forças externas, sobre as quais não se tinha controle. Tais forças poderiam advir da natureza, da ação de terceiros ou de alguma conjuntura específica materializada sem que alguém tivesse de forma intencional para sua configuração.

O novo sentido da fortuna se dá justamente na relação com a virtude. Isso fica claro quando Maquiavel explica sobre os principados que são conquistados por virtude ou armas próprias. Toma os exemplos históricos de Moisés que encontrou um povo escravizado e o conduziu no processo de libertação do Egito, Rômulo mesmo expulso de sua cidade funda um império – Roma, Ciro na condução dos descontentes persas contra os medos já desacostumados a lutar por estarem há muito tempo em paz, e Teseu na liderança dos atenienses em defesa do trono de seu pai. Para o pensador florentino, estas “ocasiões [a fortuna] fizeram a felicidade desses homens, e sua grande virtude permitiu que a ocasião fosse colhida, de modo que sua pátria saiu enaltecida e felicíssima” (MAQUIAVEL, 2010, p. 45). Além disso, do fato de a virtude fazer a diferença entre aproveitar ou não o que fortuna às vezes oferece, o “príncipe que se apoia inteiro na fortuna se arruína tão logo ela varia. Creio ainda que é feliz quem emparelha seu modo de proceder com a qualidade dos tempos e, analogamente, que seja infeliz quem age em desacordo com os tempos” (MAQUIAVEL, 2020, p. 98).

Sua ideia de virtude e fortuna se sustentava no seu materialismo, ou dava origem a ele. Ou seja, nada está dado, mas é construído nas relações históricas.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Claro, não se observa uma construção teórica profunda desse conceito nos seus escritos, nem mesmo se menciona nesta ou em outra obra de Maquiavel, mas pode ser visto no modo como entende a virtude e a própria fortuna. As condições históricas são o palco para o aprendizado e a aplicação do conhecimento construído, as próprias configurações históricas podem se transformar em oportunidades trazidas pela 'sorte' que, nesse caso, nada mais é do que o movimentar das distintas forças presentes nas sociedades, que vão produzindo a realidade de forma dialética, já que "uma mudança sempre lança as bases para a edificação de outra (MAQUIAVEL, 2010, p. 33).

Sua base materialista também apontava um esforço para ir além da aparência. Aquilo que se via na superfície denunciava movimentos que careciam de um olhar mais acurado para ser compreendido. No capítulo XVII, ao comentar sobre como César Bórgia era considerado cruel, por exemplo, procura ir além do que se via superficialmente, relacionando-a com a recuperação, unidade e pacificação da região da Romanha. Por isso, houvera sido mais piedoso que o povo florentino, pois, mesmo tendo este a fama de piedoso não interviu na sangrenta disputa de facções que se instalou na cidade de Pistoia nos anos 1501-1502 (MAQUIAVEL, 2010). Apontava também para a necessidade de uma análise histórica, procurando aprender ler o tempo: "creio ainda que é feliz quem emparelha seu modo de proceder com a qualidade dos tempos e, analogamente, que seja infeliz quem age em desacordo com os tempos" (MAQUIAVEL, 2010, p. 98).

Outro traço marcante do pensamento político de Maquiavel é sua perspectiva antropológica também esboçada no texto de 'O Príncipe'. Em linhas gerais, não via na natureza humana a vocação para o exercício do bem. Para o pensador florentino, o interesse próprio, a ambição, a inveja e a vontade de domínio sobre os semelhantes motivavam a ação dos homens. Quando argumentou sobre a crueldade e a piedade e se era melhor ser amado que temido, claramente afirmou "que os homens são ingratos, volúveis, fingidos e dissimulados, avessos ao perigo, ávidos de ganhos" (MAQUIAVEL, 2010, p. 75).

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Ou seja, Maquiavel percebia uma lógica na ação humana genérica. Havia um cálculo simples feito pelo homem genérico devendo resultar sempre em um ganho. Cabia ao príncipe não esquecer disso, estabelecer uma relação para além da afetiva entre súditos e soberano, mas uma relação, por assim dizer, profissional, de governante e governados, daí a máxima maquiaveliana: [...] os homens têm menos escrúpulos em ofender alguém que se faça amar a outro que se faça temer” (ibidem). Essa era a razão para aconselhar o príncipe a preferir ser temido a amado, em caso de faltar uma das duas: para lidar sabiamente a natureza humana.

Contudo, esta perspectiva antropológica não tinha o propósito de lançar príncipe e povo em trincheiras diferentes, no sentido de atribuir uma avaliação moral e elevar o soberano a um patamar superior de forma que visse o povo como população de pouco valor. Esforçava-se para deixar clara necessidade da virtude por parte do príncipe afim deste manejar bem esta característica da natureza humana, já que ambas as pontas – príncipe e povo – eram detentoras de poder.

Sendo assim, desprezar o povo, enxergá-lo como inferior e de somenos importância era um risco altíssimo, pois “o amor é mantido por um vínculo de reconhecimento, mas, como os homens são maus, se aproveitam da primeira ocasião para rompê-lo em benefício próprio, ao passo que o temor é mantido pelo medo da punição, o qual não esmorece nunca” (MAQUIAVEL, 2010, p. 75). Mas mesmo para o temor havia um limite, extrapolando-o poderia tornar impossível a manutenção do principado, pois o povo não suportaria um governo cuja marca fossem os constantes atos de crueldade do seu príncipe.

Também é importante, para compreender as contribuições de Maquiavel à ciência política, perceber sua ética. Pelo senso comum, até parece um sacrilégio misturar os termos: Maquiavel e ética. Mas é perceptível na leitura de ‘O Príncipe’ a estrutura e coesão do pensamento maquiaveliano. Apesar de nitidamente aconselhar o príncipe e não diretamente o povo, de utilizar todo o conhecimento arduamente conseguido às custas do seu próprio trabalho ao qual se dedicou por anos como

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

embaixador de Florença para orientar o soberano a conquistar e/ou manter um principado, com o intuito de retomar seu posto de servidor público do alto escalão da cidade², sua linha de raciocínio era a de considerar príncipe e povo uma relação de iguais. Iguais no sentido de serem ambos, fontes independentes de poder, ainda que em posições hierárquicas diferentes. Apesar de ter sob suas mãos a força e a prerrogativa de iniciar a jogada – numa analogia da vida, do principado, como um tabuleiro de xadrez – as peças poderiam assumir em alguma medida o protagonismo, empoderar-se, e assim sublevar-se contra a autoridade.

Em sua perspectiva ética, o objetivo da ação política é o poder em si mesmo, e não há vergonha nisso, já que alguém tem que conduzir os homens em sociedade para evitar o caos. Para os filósofos da Grécia Antiga a construção da felicidade, do bem comum, deveriam ser os fundamentos da boa política. Já os romanos, como Cícero, viam a vida pública fundamentada na cooperação entre homens livres e de boa vontade, devidamente mobilizados pela intenção de bem servir à coletividade, obedecendo as leis. Maquiavel se afasta destas duas escolas clássicas fundando uma ética nova, menos idealista, mais histórica e realista (GRAFTON, 2010).

Nos seus escritos, os exemplos são distintos. Procurava não analisar a ação em si, mas dentro de um contexto histórico, somente aí se poderia encontrar sua ética: “tampouco jamais apreciaram o que hoje está na boca de todos os sábios, ou seja, que se desfrutem os benefícios do tempo, preferindo antes seguir seu valor e prudência: porque o tempo arrasta tudo consigo e pode trazer o bem como o mal, o mal como o bem” (MAQUIAVEL, 2010, p. 37). Preocupava-se em compreender todos os valores envolvidos em uma situação, as distintas perspectivas, levando-o a não aconselhar o poder a qualquer custo:

[...] todavia não se pode dizer que haja virtude em exterminar concidadãos, trair os amigos, não ter fé nem piedade nem religião; pois é possível conquistar o poder por esses meios, mas não a glória [...] creio que isso

² Apesar de uma inferência, não é de todo infundada.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

decorra do bom ou do mau uso da crueldade. A crueldade bem empregada — se é lícito falar bem do mal — é aquela que se faz de uma só vez, por necessidade de segurança; depois não se deve perseverar nela, mas convertê-la no máximo de benefícios para os súditos (MAQUIAVEL, 2010, p. 52, 53).

Maquiavel, na sua ética, declara que todos os atos necessários à defesa do Estado ou ao bem da Pátria, úteis à comunidade ou ao príncipe que a encarna, serão morais. Ao contrário, os atos que objetivam a satisfação de interesses próprios e egoísticos são imorais. Pois o fim destes seria a destruição do principado, daquilo que a fortuna ou a virtude colocou na mão do príncipe para governar.

Por fim, seu realismo ampla e exaustivamente marcado nos exemplos utilizados ao longo da obra. Maquiavel se vale de fatos amplamente conhecidos por seus contemporâneos da realidade distante (Roma, Grécia, Pérsia, etc.) e presente tanto dos reinos de França e Espanha, como das próprias cidades italianas no entorno de Florença, estas últimas, fruto da sua observação e experiência *in loco* muitas vezes. Esse realismo pode ser entendido como uma importante chave interpretativa do pensamento maquiaveliano. Portanto, a ideia de virtude, fortuna, seu materialismo, sua antropologia e sua ética são fortemente embasadas numa análise do real.

Não se submetia a uma filosofia que não servisse para interpretar o mundo. Mencionando, por exemplo, o episódio em que o rei da França se apossa da Itália, num piscar de olhos como diz, faz alusão a uma interpretação pseudo-religiosa cuja conclusão era atribuir a derrota italiana ao fato de não servirem a Deus como deveriam, mas na verdade a queda se deu por um pecado muito palpável: a força da Itália estava erroneamente fundada em exércitos de mercenários, e não próprios. Em outra ocasião, afirma seu realismo cru, defendendo seu método fundante:

[...] porém, sendo minha intenção escrever coisas que sejam úteis a quem se interesse, pareceu-me mais conveniente ir direto à verdade efetiva da coisa que à imaginação em torno dela. E não foram poucos os que imaginaram repúblicas e principados que nunca se viram nem se verificaram na realidade. Todavia a distância entre o como se vive e o como se deveria viver é tão grande que quem deixa o que se faz pelo que se deveria fazer contribui

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

rapidamente para a própria ruína e compromete sua preservação”
(MAQUIAVEL, 2010, p. 71, grifos nossos).

Aí estão traços fundamentais da ciência política de Maquiavel: na realidade, na vida possível, como de fato se dá, tanto do príncipe como do povo. Nada para além disso deveria ser digno de crédito para se pensar a ação política.

3 ELEMENTOS PEDAGÓGICOS E SUAS IMPLICAÇÕES

A palavra educação não aparece n’O Príncipe. Nem mesmo no original, segundo Ames (2008). Esta autora identifica onze citações do termo em três obras de Maquiavel: no livro ‘Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio’ ela ocorre nove vezes, uma vez em ‘Da arte da guerra’ e uma vez em Os Capítulos – Da Ambição.

Considerando sua concepção de que as coisas naturais e humanas estão sempre em movimento e, por isso, ser extremamente necessário aprender, desenvolver a virtude, a educação torna-se algo fundamental. A fortuna responde por uma parte dos acontecimentos, da direção que toma nossa vida, mas pela educação, o aprendizado intencional – a virtude – podemos ter controle da outra parte.

Sua pedagogia, nesta obra, se aproxima muito da relação mestre-discípulo preconizada pelos clássicos gregos, especificamente por Sócrates, Platão, Aristóteles e que se estabelece como modelo até a baixa idade média quando a educação em massa através de escolas – nos mosteiros, universidades inicialmente – começam a ganhar força. Na pedagogia de O Príncipe, o cidadão que faz a cidade produzir é formado pelo exemplo do governante, pela educação e pelas boas leis. Isso considerando a natureza insaciável do homem, “não se vincula à ideia de educação formal, mas diz respeito a um princípio de sentimento de pertença a ser identificado em uma educação social que permite a construção de identidades políticas nacionais, em consonância ao governante absolutista (OLIVERIA; RUBIM, 2012, p. 142).

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*
Maceió - Alagoas - Brasil
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Esta sua descrição de como funciona o poder político vai ao encontro da onda de laicização da vida apontada por Cambi (1999) quando analisa a história da educação especialmente a partir do século XV. Esta nova perspectiva opera, em certa medida, uma emancipação do pensamento e da produção de conhecimento, da tutela da cosmovisão religiosa cristã-católica do período, vinculando o homem mais à história e à ideia de ser condutor de si mesmo, retornando à perspectiva clássica presente na *paideia* grega. Maquiavel expõe a sociedade como algo construído pelo homem, suas relações, em um processo histórico (BORON, 2003).

Ainda como Oliveira e Rubim (2012), não entendemos a obra 'O Príncipe' como um manual de explícito esforço educativo do povo para a formação de uma nova sociedade, uma convocatória ao povo à luta, ou algo que o valha, por municiá-lo com informações preciosas sobre o cotidiano do poder e os meandres do processo de tomada de decisão do governante. Ele se converte em modelo educativo para a sociedade, como dizem as autoras, "não porque Maquiavel explicitasse esse objetivo de educar o povo, mas porque, ao evidenciar o modelo de príncipe, ele estaria encaminhando um projeto para a sociedade, posto que a figura do governante absolutista fosse o modelo e o exemplo para seus súditos" (p. 141).

Se, portanto, por um lado, replica o modelo clássico de educação – um mestre/um discípulo – por outro, torna público suas reflexões sobre a política, as relações humanas da formação e manutenção de um Estado, dando a quem quiser, elementos analíticos para compreensão da realidade. A realidade muda, mas, para Maquiavel, o que permanece no homem, como marca de sua natureza? A característica essencial do desejo humano é sua imoderação e desmedida. O homem é insaciável, seu desejo se dirige a tudo e sem qualquer controle interno, daí a necessidade de educação: o temor ao príncipe surge como aio, como pedagogo.

Para a educação, é importante a mensagem de que a formação política dos governantes e dos demais grupos sociais é fundamental para a manutenção de uma sociedade o mais justa possível para todos. Paraphrasing Boron (2003), os escritos

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

de Maquiavel em *O Príncipe* adquirem um papel didático por desvelar o como da política. As pessoas já sabiam quem mandava, quem eram os soberanos, mas ainda pairava, como herança da antiguidade e dos longos anos do feudalismo, a convicção do direito divino dos nobres e monarcas. Maquiavel, portanto, deixou registrado como os dominantes exercem seu poder, especialmente quando tinham diante de si um povo fraco, miserável e que não oferecia resistência. Quem publicou seus escritos, talvez, quis dar lições ao próprio povo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta obra Maquiavel não só transmite uma ideia, mas interpreta acontecimentos: o Estado possível. O príncipe, para conduzir seu trabalho como governante, deve levar em conta a fortuna, vista não como fatalismo, mas como a realidade à qual se deve adaptar, e se precaver a partir da minuciosa análise dos fatos históricos; e a virtude, o empenho em analisar a realidade e aprender com ela. Esse aprendizado deve conduzir o olhar das pessoas para o futuro, a agirem qual arqueiros sensatos que, conhecendo a distância do alvo e a potência de seu arco, “alçam a mira muito mais alta que o ponto de destino, não para alcançar com suas flechas tanta altura, mas para poder, com o auxílio de tão alta mira, atingir a sua meta” (MAQUIAVEL, 2010, p. 44).

Neste cenário, a virtude passa a ter uma nova significação, ou seja, a qualidade de flexibilidade moral, indispensável para o príncipe perceber e reconhecer o que se deve alterar em sua conduta quando os ventos da fortuna assopram somadas as variações circunstanciais.

O valor dado à história permitiu a Maquiavel descrever e analisar os fatos políticos. Valendo-se de estadistas reconhecidos como tais em sua época – Ciro e Alexandre por exemplo – conseguia propor em suas obras um passo adiante da mera transcrição dos fatos, sintetizando princípios e ensinamentos. Maquiavel lê os

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

clássicos e os transcende, não tem compromisso com eles no sentido de repeti-los como fonte de verdade imutável, mas sim de utilizá-los como luz que pode de alguma forma iluminar a sua análise do presente (BORON, 2003).

Por fim, considerando sua prática de chanceler construída a partir de uma experiência republicana comandada por Jerônimo Savonarola a partir de 1494, entendemos que Maquiavel cortejava a república, mas talvez entendesse realisticamente que para chegar lá, o caminho passava pelo principado. Nesse sentido, o livro também aponta para a necessidade de se desenvolver uma nova visão de mundo sob a qual os explorados e oprimidos marchem travando uma batalha possíveis, mas decisivas, em favor de si mesmos, o que, em última análise, significaria a própria libertação das sociedades.

REFERÊNCIAS

AMES, José Luiz. Maquiavel e a educação: a formação do bom cidadão. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v.31, n.2, p.137-152, 2008.

BORON, Atilio A. Maquiavel e o inferno dos filósofos. In: BORON, Atilio A. **Filosofia política marxista**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

GRAFTON, Anthony. Introdução. In: MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

HELLER, Agnes. **O Homem do Renascimento**. Lisboa: Presença, 1982.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

OLIVEIRA, Terezinha. RUBIM, Sandra Regina Franchi. Reflexões sobre a influência de Maquiavel na educação do Estado moderno. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.28, n.01, p.131-156, mar., 2012.